

ANNO 1.



Educação Feminina

Quinquenario pedagógico, literário e científico

ORÇÃO DAS NORMALISTAS DE LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Comércio, 31, 3.º

Não se restituem os autógrafos

DIRECTORA: IRENE VIEIRA LISBOA

REDACTORAS GERENTES: ALICE BARBOSA E OIRAS
DULCE DE SOUSA FARIA

Propriedade da Empresa da EDUCAÇÃO FEMININA

EDITORA: ILDA MOREIRA

Composto e impresso na TIPOGRAFIA CEZAR PILOTO
Rua da Conceição da Gloria, 38 e 40.—Avenida—Lisboa

EXPEDIENTE

Agradecemos aos amáveis assinantes que já nos satisfizeram a importância das suas assinaturas e avisamos todos os outros de que podem enviar essa importância em estampilhas dentro de carta fechada para a nossa Redacção.

Educação feminina

Educação feminina é o título sugestivo deste Jornal, e, por isso, nada mais apropriado de que começar, desde já, a tratar dessa educação, do fim que visa, da orientação que deve seguir.

Primeiro que tudo começemos por tratar do homem-tomado como coletivo, o que nos interessa directamente, pois é uma maneira de tratar nos de nós próprios.

O homem achou-se sobre a Terra e, obedecendo à necessidade de se defender do meio hostil em que vivia e para o qual as suas forças eram pequenissimas, tratou de se associar, em grupos mais ou menos numerosos, mais ou menos ligados por uma disciplina ou por uma afeição intensa, mais pacíficos ou belicosos, segundo as condições de vida do local que habitavam; estes últimos—os belicosos—tiveram, quanto a mim, melhor maneira de resistir e de viver que os pacíficos; e o facto é que sempre preponderaram, apanhando uma espécie de selecção natural donde se aprirava uma elite, que se perpetuava cada vez mais robusta.

É claro que me refiro a tempos primitivos, à formação das primeiras sociedades, e que a elite apurada não tinha a caracterisá-la, como as de hoje, a delicadeza de sentimentos, a vasta intelligencia; o seu apanagio era a força, mas também a destreza, a argúrcia e, ainda, a lealdade.

O certo é que, praticando uma vida puramente natural, vivendo nos bosques e nas grutas, no meio das feras e das mil ciladas da natureza,—talvez, ainda então, em sobresaltos cósmicos—o homem foi adquirindo conhecimentos, exclusivamente à sua custa, aperfeiçoou os seus sentidos e inventou tudo o que lhe foi necessário—desde o grito gutural e inexpressivo até ao instrumento perfeitissimo de pedra talhada—para conseguir um unico fim: poder viver sem cuidados, na tranquillidade e no conforto.

Quais foram os que mais adquiriram estes conhecimentos e inventaram mais formulas de resistencia? não custa a crer que fossem aqueles a quem o meio obrigava a maior luta, a uma constante adaptação dos sentidos a todos os fenomenos que se passavam em redor, e que lhes poderiam ser prejudiciais; foram estes que realisaram a grande obra da educação, que, neste caso, foi uma verdadeira auto-educacão.

Os pacíficos e os fracos, não! esses, a quem o meio era propicio, pouca energia tinham de

desenvolver para ir levando a vida: ella corria por si mesma. Se não havia luta de qualquer espécie a travar, não havia a necessidade da destreza e da força, nem da argúrcia; se os frutos caíam da arvore, como o maná do ceu, se a caça vinha pousar e dormir junto à gruta já talhada pela natureza, nada havia a fazer: era aproveitar o que estava feito e viver em paz!

Apezar disso, estes fracos e pacíficos foram também adquirindo conhecimentos varios, mas nisto não se deu o caso da auto educação; aqui foram as noções, que os outros tinham feito brotar e desenvolvido, que foram suggestionando os espiritos que se adaptaram a ellas pela imitação. De maneira que estes, fracos e pacíficos como eram, assim ficaram, e os outros, os insufladores das idéas novas, tomaram o lugar que naturalmente lhes estava indicado: o de senhores,—que acumularam com o de insufladores.

Vê-se bem aqui qual a diferença que existe entre educação e instrução. Pela primeira, o homem, lutando e reagindo sempre, criou aquilo de que necessitava, e nessa luta desenvolveu o espirito e o corpo de maneira a torná-lo apto a criar sempre que fosse preciso. Pela segunda, o homem assimilou o que estava feito, que tanto poderia ser bom como mau, aquilo em que a sua experiencia não tinha intervido, e aceitou, pela ordem natural das coisas, um lugar inferior, em face dos que lhe ministravam as idéas que não criara.

Deu isto origem a um estado de cousas, que mil outras circunstancias—que não estão na indole deste artigo—vieram agravar e que produziram a sociedade em que nos achamos. Mas o que nos ocupa agora é a educação feminina. Vamos a ver que relação tem com o que fica dito.

Na propria origem das sociedades se pode ver o esboço da situação que a mulher hoje occupa, a causa primaria dessa má situação.

A mulher estava, evidentemente, incluída na lista dos fracos e pacíficos. Não sei se, nos tempos primitivos, a mulher era—como é hoje—aquele espirito meigo, jovial e cordato, que beneficia as horas amargas da vida, com uma caricia que é um bálsamo; não sei se era aquele espirito sentimental e delicado, que—vã lá, sem madrigal...—hoje a caracteriza, e que contribue também para a sua inferioridade, por contribuir para a sua divinização; mas também não sei se ella era—como algumas porteiras e sogras, que eu conheço—mulher de «cabelinho na venta» meigera desganhada, com aspecto de hercules de feira que faz tremer os homens mais valentes! Não sei; simples suposições... Porém, creio que a mulher teria o mesmo aspecto que tem hoje (tirante os espartilhos e os sapatinhos de tacão alto), que a sua alma seria a mesma, replida de candura e de amor, e que o homem a poria no altar do seu coração; pelo menos, ao lado das armas de caça e do couro cabeludo arrancado aos prisioneiros—costumes da época que hoje um homem galante seria incapaz de ter!

Ora ao espirito delicado e sensível da mulher repugnariam as cruézas da guerra, as conseiras da caça; as doenças e atribuições, proprias do sexo, impediram a iam de tomar parte em exercicios violentos; por natureza—antes que por

fraqueza—a mulher fôra destinada a cuidar da lareira e dos filhos, enquanto o homem andava fôra na rude luta pela vida que bem quadrava ao seu temperamento selvagem e empreendedor. A mulher ficou por isso um pouco inativa. Da inação à escravidão vai um passo; e o homem, vendo que não tinha nessa companheira delicada, um auxiliar valeroso para a luta extenuante, deu esse passo!

Os passos que se dão na Historia ficam marcados, como as pégadas na areia, mas não se apagam com a mesma facilidade.

Tudo mudou no mundo; hoje a luta pela existencia trava-se num gabinete ou numa officina e deixou de ter o aspecto selvagem de outrora, que a tornava inacessível à mulher. Apezar disso, esta arreigou-se de tal maneira ao lar que não têm bastado os seculos decorridos para sair da inação em que jaz e, mercê da qual, permanece inferior.

Eu não falo aqui das raras excéções; não falo, tão pouco, das que saíram da inatividade para irem trabalhar, à descarga, nos cães, em trabalhos violentos, que lembra os dos homens na luta urgente dos tempos idos, ou para os atelieres e fabricas, em serões prolongados, embrutecem lo o cerebro, à luz mortíça do gaz ou do petroleo... Não! nessas são as mãos, os musculos, que trabalham: o cérebro esta vazio!

Pois é o cérebro da mulher que é necessario reabilitar! Ha de ser esse, o fim visado pela Educação feminina.

Posto isto o que ha fazer surge facilmente ao espirito: fazer entrar a mulher no numero dos fortes!

¿Fazendo a igual aos homens? de maneira nenhuma! A mulher é a mulher; o seu primeiro mal foi ter sido sempre femea de mais. Assim tem sido considerada e daí o lugar que occupa—exclusivamente de femea.

Ate agora—¿e quanto tempo ainda, d'aqui por diante?—a educação feminina tem visado fazer da mulher mais um objeto de luxo, que tente a compra—perdeu-me a rudeza das palavras!—do que uma creatura—uma animal; vá!—que seja util a si proprio. Têm na ataviado mais que aperfeiçoado. Contanto que vista bem, fale correta e delicadamente, toque piano o bastante para não fazer que os visinhos morram de horror, diga duas cousas em francês e saiba «flartar» com os primos—etc.—não ha que ver se saber tudo isso convenim ou não á pequena,—como dizem os papás—! A criança, no geral, não é consultada sobre a instrução que lhe pretendem ministrar; e, como a instrução é um meio para promover a educação—dizem...—esta ultima resente-se disso. Como a instrução é acanhada, feita entre quatro paredes, ao abrigo dos *maius conhecimentos* e inconveniencias que se adquirem na vida pratica, resulta que a criança—e muito em especial a *menina*—vem a achar-se um dia em presença dessa vida pratica—que a assusta pelo que tem de diferente da idéa que dela fazia—vacila, trepida... e cá! isto são factos de todos os dias. Cá, se o seu espirito não é suficientemente forte, para resistir ao embate dos precoces—que não pensaram em extinguir-lhe,—nem á opinião pu-

blica; que nunca pensaram em modificar. E o espirito não é forte porque não foi, desde o principio, acostumado a observar, a ter opinião propria e a *querer*. Isso é o que se interdiz ás *meninas*—e também aos *meninos*...—quando ellas têm a valedade de dar mostras de que também são alguém.—o *menino* não tem *querer*!... e ante esta affirmacão de nulidade, pronunciado por aquele ou aquela que—segundo nos ensinam sabe tudo e só querem o nosso bem—não ha resistir! a criança acostuma-se a acreditar que o que observa, o que sente, o que *quer* nada tem razão de ser, e que o melhor é... aceitar o que os outros pensam!

Por isto, temos nós o mundo cheio de nulidades, de patétoides verbóricos, que mudam mais vezes de opinião que de camisa. Isto quanto aos homens,—os que vivem no «grand air! Agóra as mulheres, para a maioria das quaes o mundo tem uma apparencia romanesca e mentirosa que os escritos desses patétoides lhes insuflaram, essas com muita maior razão não têm opinião, não observam e não *querem*... (Claro está, que estou respeitando as excéções!) E a culpa não é deles; é da pessima, insufficiente e mal orientada educação que lhes deram.

Quanto a mim, aquilo por que a mulher deve lutar, não deve ser propriamente o votar e o ser deputado; isso são cousas que nada tem de naturais, que os homens—os homens note-se—inventaram para não se entenderem com os que os cercam.

A mulher deve querer recuperar o seu lugar na natureza, que, agora domada, não oferece perigos de maior; deve querer viver a sua vida, independente, feliz, numa paz harmonica com o que outrora era o seu senhor; deve procurar contar unicamente consigo propria, pensar por si, *criar* por si! Se a mulher alcançar esse objetivo, eu não tenho duvida em afirmar que a paz existirá sobre a Terra, que a felicidade não será um mito. Se a mulher vivendo integralmente, no meio da natureza, obedecer ás suas leis—e só a elas—libertar o espirito das idéas falsas que o subjagam; se, vivendo em contacto com os mil aspectos da vida social, souber o papel que lhes cabe e o desempenhar, a mulher então poderá entoar hinos de gloria a um porvir feliz; não necessitará, então de ser igual ao homem para o substituir nas occupações mesquinhas e fíticas que são o seu exclusivo; desprezando esses nadas, será a igual do homem, para o acompanhar pela vida fôra, dando-lhe o amparo de um espirito são, livre, generoso e cheio de amor!

Sem isto, caras leitoras, que me aturaram esta estupenda massada e que me devem ter mandado ao diabo uma poucas de vezes!—sem isto, com outra orientação que não seja fazer integrar a mulher na natureza, fazendo-a viver a vida intensa da luta, nada feito! Póde a Educação Feminina, entreter-se a inventar outro ponto de «crochet» ou a maneira de fazer um novo prato para o almoço do marido... porque este ha de ser então e sempre, o *despota*, de «chinelos», robe de chambre, e oculos de aro de ouro... mas despota!...

Antonio Luis Filipe

(Da Escola Normal de Lisboa)

Versos de D. Francisca Julia da Silva

insigne poetisa brasileira

D. Alda

Hoje D. Alda madrugou A's costas
sólta a opulenta cabeleira de ouro;
nos labios um sorriso de alegria;
vae passar ao jardim; as flores, postas
em longa fila, alegremente em côro,
saú lam-na: «Bom dia!»

D. Alda segue... Sêgue-a uma andorinha;
com seus raios de luz e sol a banha;
e D. Alda caminha...

Uma porção de folhas a acompanha...
Caminha... Como um fulgido brilhante,
O seu olhar fulgura.

Mas — que cruél! — ao dar um passo adeante,
emquanto a barra do roupão sofreda,
pisa um cravo gentil de lactea aloura!

E este, sob os seus pés, inda murmura:
«Obrigado, D. Alda!»

A bussola

Calcule-se o que seria a civilização sem este instrumento duma compleição tão singela e que nos proporciona o extraordinario beneficio da orientação, especialmente quando sulcamos os mares.

Que coragem immensa ou que vontade indomável não seriam necessarias ao homem, que ousasse lançar-se no seio do oceano, completamente á mercê das suas aguas revoltas e dos ventos que o poderiam arrastar para paragens ignoradas, onde iria encontrar a morte?!

As inovações, que o progresso tivesse criado numa determinada região, não passariam daí; a industria, o commercio, etc., só poderiam existir entre povos do mesmo continente. As descobertas gloriosas, de que o nosso país e outros se ufamam, não passariam de belos sonhos, que cerebros audazes tivessem concebido, sonhos que muitos classificariam de loucura visto que a navegação só poderia fazer-se não perdendo de vista a osta, que lhes assegurava a vida.

Tudo isto atesta bem a importancia da bussola, que parece ter sido primitivamente constituída por uma agulha magnetica equilibrada por dois pedacinhos de palha dentro dum frasco de vidro, que continha agua.

Hoje, graças ás modificações que tem sofrido e que são principalmente devidas aos portugueses, consta dum circulo graduado, onde se encontram marcadas as trinta e duas direcções do vento e no centro do qual se apoia a agulha.

Para que se conserve na posição vertical, o que seria impossivel atendendo ás oscillações do seu abrigo flutuante, usa-se a suspensão Cardan. Acreditou-se por muito tempo que tivesse sido Cardan o seu inventor mas ha quem diga que isso não é possivel visto que parece haver noticia da suspensão antes da existencia do individuo que lhe deu o nome. Cabe-lhe comtudo a honra de a ter aperfeiçoado.

A bussola tem tambem uma linha de fé collocada paralelamente ao eixo do navio e que serve para facilitar a comparação da direcção da agulha com a que pretendem seguir os navegantes.

Ao angulo, que a agulha fórma com a linha norte-sul da Terra, e cuja descoberta se deve a Colombo, dá-se a nome de declinação. É necessario que os marinheiros conheçam essa declinação variavel nos diferentes logares do globo e que acertem as suas agulhas antes de qualquer viagem longa para que se possam orientar por elas.

As auroras boreais, os tremores de terra e outros fenomenos naturais, determinam perturbacões gravissimas na agulha. Os raios exercem tal influencia nela que por vezes o polo austral passa a ocupar o logar do boreal e vice-versa, ou então faz com que perca a magnetisação.

O autor da bussola é desconhecido. Houve quem supozesse que ele tinha sido Flavio

Gioja mas Florentino Bertelli afirma que esse homem não existiu.

O que é fóra de duvida é que foram os povos orientais que primeiro tiveram conhecimento da bussola, porque foi transmitida aos arabes pelos chinezes e só por ocasião das cruzadas é que passou á Europa.

Ilda Moreira.

ESBOÇO

Esbatem se no horisonte os derradeiros raios de sol.

Nuvens opalinas, de uma transparencia ideal, bordam o azul do infinito e o sol afogueando-se lá ao longe tinge de clarões sinistros a crista das ondas que serenamente vem morrer na praia Meio oculta pelas escarpadas colinas, a pequenina aldeia alveja por entre o arvoredo. Aqui e ali, uma ou outra cabana dispersa. Ca mais ao fundo, um ribeirito corre saltitando de fraga em fraga, e ora se despeinha irrequieto e buliçoso, ora meigo, segredando harmonias, vai beijando ternamente as verdes folhas dos salgueiros.

Bandos de pombas mansas, alvas como a neve, cruzam os ares na direcção dos ninhos, o sino da ermida atira pelas quebradas as notas melancolicas do despedir da tarde e as ovelhas recolhem silenciosas, deixando perdido de quando em quando, como nota dolente de alguma queixa ignorada, um balido gemedor e triste.

Os trabalhadores deixam o trabalho e lá vão de sacola ao hombro a caminho da sua rustica choupana. E quando o sol moribundo dá logar ás trevas e a lua ilumina com seus argenteos reflexos a eriçada superficie dos mares, a pequenina aldeia adormece embalada com o terno cantar do rouxinol e com a triste melodia que desferre a aragem quando perpassa por entre o arvoredo.

Lucinda Dias

Uma mulher que recebeu uma educação varonil possui, em verdade, as faculdades mais brilhantes e as mais ferteis em felicidade para ela e para seu marido, mas esta mulher é rara como a propria felicidade.

Balzac

EM FÓCO

Qual é a figura geométrica mais bem representada entre as graças desta Escola? — A linha Vertical!

— As cadeiras da Escola Normal sofrem de reumatismo gotoso... será bom passá-las á inatividade.

— Somos duas pombas sem fél... O céu e os santinhos todos abençoaram esta aliança dulcissima dos nossos corações; mordam-se de raiva, invejosas e maldizentes...

— Eu sou magestosa, formidável, monumental... mas, infelizmente, sigo a regra normal: quanto ao espirito só me ocupo de futilidades e insignificancias... paixonetas, passeatas, etc.

— Conversa entre duas primeiranistas:

— Já ouviste falar num jornalismo anémico que viu ha pouco a luz do dia nesta Escola? — Sim, já ouvi falar disso vagamente... mas não desço o meu alto espirito a minharías de tal ordem!

— Advinhae: Qual é coisa qual é ela que, numa aula faz tremer as valentes, desmaiar as fraquinhas, empalidecer as rubicundas e corar as romanticas. E' redondo e não rebóla e tem poder sem ter valor.

— Algum cabula de qualquer sexo poderá responder por experiencia...

VERSOS DE OLAVO BILAC

«INANIA VERBA»

Ah! quem ha-de exprimir, alma impotente e escrava,
o que a boca não diz, o que a mão não escreve?
— Ardes, sangras, pregada á tua cruz, e em breve,
olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbra.

O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava:
a Forna, fria e espessa, é um sepulcro de neve...
E a palavra pesada abafa a Idéa leve,
que, perfume e clarão, refulgia e voava!

Quem o molde achará para a expressão de tudo?
Ai? quem ha-de de dizer as ancias infinitas
do sonho? e o céu que foge á mão que se levanta?

E a ira muda? e o asco-mudo? e o desespero mudo?
E as palavras de fé que nunca foram ditas?
E as confissões damor que morreu na garganta?!

Quem passar a 20 kilometros da perfumaria
Balsemão da nossa Escola já aspira os mais
rescendentes aromas: e é de graça!

Teu pae ou mãe que eu fosse,
Mesmo alguma das tuas tias,
Ai! dava-te voz, menina,
E tirava te as teimosias.

Elas são três, devem ser as três graças...
— Dos seus pedestaes firmes lançam ás vezes
a misericórdia d'uma palavra, d'um concelho;
ó felizes mortaes que lograes viver na benignidade
d'aquellas potencias, ensinae-me vossos
persuasivos sortilégios!

A apoteose dos pucaros

— No meio da tranquillidade ronqueira do
nosso curso surge ás vezes um acontecimento
novo, que agita estes nervos de futuras pedagogs
já compenetradas da sua gravidade serodia e
meditabunda.

E foi assim que o matematico e literario 3.^o
ainda se revelou sem respeito um pandego de
estalo!

— Fazer uma manifestação a uns réles pucaros
de 5 reis não lembraria ao diabo, quanto
mais ao sabio, ao sisudo, ao diplomatico 3.^o
ano!

E então que manifestação! uma festa...
A Snr.^a D. Lucinda Dias, graciosa e gentil
como sempre, pronunciou com voz firme um
persuasivo e patético discurso enaltecedo em
bellezas e utilidades do dito objecto; e, para
que o caso não passasse á maneira de funeral
houve umas gentilissimas colegas que
abrilhantaram o acto, desalfinando muito
rasoavelmente o *balancé* com uns versos feitos
expressamente para a ocasião.

Depois de tanto entusiasmo e de tanta alegria,
uma aula de ciencias produziu o efeito
d'um calmante.

E agora ei-las que retomam o seu ar grave
e sorumbatico, enfronhando se novamente nos
arcanos da ciencia...

METAMORFOSES

II

H Rã

No numero anterior e primeiro da *Educação
Feminina* dei a primazia aos bichos de seda,
por serem os mais conhecidos de toda a gente,
quer pela sua individualidade, quer pelas
transformações porque passam á vista de todos
que os cultivam ou vêem cultivar, quer
principalmente pelas suas secessões que mais
tarde constituirão tecidos dos mais apreciados
e mais belos e que ninguém ignora, desde o
mais intelligente e ilustrado até ao mais rude
e inculto, que origem humilde e extranha tem
e que materia especial os constitue.

Hoje vou occupar-me das metamorfoses da
rã, animal curioso sob muitos pontos de vista,
de todos conhecido no estado adulto, e não só
completamente inofensivo para o homem, mas

pelo contrario duma enormissima utilidade,
pela quantidade de larvas de incomodos e por
vezes perigosos mosquitos que devora; cujo
coaxar nas noites calmas do fim da Primavera
até quasi ao fim do Outono incomoda a uns e
a outros deleita; cuja timidez serve de distração
ao rapazio que se diverte ao vê las
mergulhar precipitadamente na agua, ao menor
ruído produzido na sua visinhança, fazendo
cessar como por encanto o caracteristico
concerto de vozes a que se entregam fóra da
agua; e em cuja pesca se occupam durante
horas alguns ociosos entretidos pela ingenuidade
e avidéz com que elas se precipitam sobre
um trapo vermelho que preso a um fio
lhes atiram para a frente e em que, ou porque
julgam ver um inimigo perigoso ou um
repasto de appetite, cravam os dentes com tal
furia que facilmente são arrastadas para fóra
da agua como que seguras por anzol e se deixam
aprisonar quando o pescador retira para
terra a original armadilha.

Como os nossos leitores na sua grande
maioria não ignoram, as metamorfoses da rã
oferecem ao naturalista, ao estudioso, ao pensador,
á ciencia em suma, mil vezes mais interesse
do que as do bicho de seda ou de qualquer
outro animal cujas transformações se operam,
por assim dizer, á luz do dia, á vista do homem.

São quatro as fases porque passa a rã até
chegar ao estado perfeito.

Na 1.^a é um verdadeiro peixe, donde provém.

Como este ultimo, tem respiração aquatica
por meio de guelras; o seu coração tem apenas
duas cavidades; o corpo constituído aparentemente
quasi que só por uma enorme cabeça—
donde lhe vem o nome de *cabecudo*—
termina por uma longa cauda achatada no
sentido vertical e que durante os primeiros
periodos de desenvolvimento é o unico órgão
de locomoção, e que pelos seus movimentos
rapidos imprime ao animalculo uma deslocação
assás notavel. Daqui provavelmente, o outro
nome por que é mais conhecido: *girino*.

2.^a fase: As guelras em fórma de franja que
na 1.^a fase existiam exteriormente em frente
das fendas branquias (similbantes ás dos peixes
e collocadas, como nestes, nos lados da
cabeça e fazendo comunicar a boca com o meio
exterior) já se não podem expandir livremente
em virtude dumas prégas de péle—operculos—
que se estendem sobre elas; funcionam mal,
não podendo desempenhar cabalmente as suas
funções, e então internamente nas paredes das
fendas branquias, desenvolvem se outras
guelras (guelras internas ou suplementares)
de que ha muito havia uns rudimentos. Bem
depressa as externas se atrofiam por completo
e ficam apenas funcionando as internas. E'
nesta altura que surgem as primeiras patinhas
as posteriores.

3.^a fase. Os operculos soldam-se á pele; as

fendas branquias desaparecem e fica por esse facto interrompida a comunicação da boca com o meio aquoso. E os pulmões que ha muito se iam desuando ficam só e ha muito; a respiração tornou-se aerea, o coração em vez de duas passou a ter tres cavidades e o animal ficou possuindo quatro membros, pelo aparecimento dos dois anteriores.

4.ª e ultima fase. A cauda atrofia-se, reabsorve-se, desaparece, e rã (ou o sapo que sofre as mesmas evoluções, sendo impossivel distingui los antes de completamente formados) exhibe-se nos tal qual é no estado adulto que atinge finalmente depois de tão notaveis peripecias.

O que é extremamente curioso é que na classe dos batraquios ha grupos que representam a rã nas suas diferentes fases de desenvolvimento, em que se lê claramente a sua arvore genealogica. Assim: ha um grupo—os *perenibranginos* que possuem quebras externas durante toda a existencia; outro—os *crispobranquios* possuindo sempre guelras internas; e finalmente um terceiro grupo—*as salamandrinhas* que nunca tiveram senão respiração por meio de pulmões.

Pelo estudo das metamorfoses da rã, vê-se que ela e os do seu grupo—os *anuros* (sem cauda), nos diversos periodos da sua existencia repetiam por assim dizer todas as evoluções que experimentaram desde o peixe, que lhes deu origem, até aos reptis com que foram proprios durante longos anos, ainda pelos conhecidos zoologos.

Ea teoria da evolução, hoje universalmente aceite por todos os naturalistas nesta classe de batraquios a fornece uma das bases mais solidas para a teoria evolucionista que dia a dia se vai consolidando mais, se é possivel, pelos novos materiais que constantemente se vão acumulando.

D. F.

A creatura que se sacrifica ao proprio dever é o verdadeiro santo da humanidade; quem lhe sente o contacto e aspira o alito fica santificado.

P. Mantegazza

UM PASSEIO INSTRUCTIVO

Assim que me levantei abri de par em par a janela do meu quarto para que o ar saudavel e fresco da manhã me banhasse amplamente os pulmões.

Apoiei-me ao peitoril e deixei expraiar-se o meu olhar sequioso e vagamente sonhador, por essa vastidão azul onde corriam já frémidos de luz e álitos de vida.

—Estamos na primavera—murmurei—como as andorinhas voam, que arcos graciosissimos elas descrevem por essas amplidões luminosas!

—Não tenho a liberdade das andorinhas, não passo a sabor da minha fantasia procurar deleites novos e caprichosos, mas quero no emtanto dar um passeio de que me fique uma agradável recordação!

Tinha eu já percorrido com o pensamento todos os jardins, tapadas e museus do meu conhecimento, sem tomar a minima resolução, quando me decidi por fim sair da janela e ir

saudar meu pae cujos passos eu ouvia perfeitamente no compartimento contiguo.

Mal sabia eu que o mais insignificante incidente iria proporcionar o objectivo tão desejado para o meu passeio!

Tentava meu pae acender um cigarro negando-se porém os fosforos a fazer lume... quando se istó de luminoso para um espirito embaraçado?

—Ides ver:—Como meu pae conhecia perfeitamente a Fabrica dos fosforos e eu de ha muito trazia desejo de a visitar, desde logo ficou definido e assente o meu plano de acção: alongarmos o passo até á dita fabrica.

Acedeu meu pae de boa vontade a este desejo e eu aproveitei o meu dia do modo mais util e agradável.

—Ai vão alguns apontamentos breves que vos elucidarão sobre o fabrico do fosforo, trabalho curioso e que interessa a todos, porque nos faz disfrutar comumente um prazer que ás precedentes gerações foi vedado.

É necessario ser contemporaneo de Chateaubriand, para ter conhecimento duns pequenos rolos de papel chamados filibus; ainda não ha 60 anos que era forçoso recorrer aos fustis para faser lume, o que hoje nos parecerá uma monstruosidade préistorica se os compararmos com a comodidade dos fosforos actuaes, diga-se de passagem, não monopolizados.

As velhas acendalhas eram simples bocados de madeira temperadas em ambos os lados com enxofre fundido: Não se podiam inflamar senão quando se punham em contacto com um corpo já em egruicção.

As primeiras acendalhas quimicas appareceram em 1809. Compunham-se de palitos cujas extremidades eram enxofradas, depois temperadas numa mistura de chlorato de potassio, lycopode, enxofre e agua gomada. Inflamavam-se estas acendalhas, chamadas oxigenadas mergulhando-as no acido sulfurico concentrado. Substituiram-se em seguida pelas acendalhas de potassio, cuja pasta se compunha de chlorato de potassio, sulfureto de antimonio e de agua gomada, e que fasia fogo quando se friccionavam as extremidades em lixa de vidro. Um ano mais tarde, juntou-se o fosforo á pasta.

Foi com effeito em janeiro de 1831 que Charles Sauria, nascido em Voliguy em 1812, então aluno do collegio d'Are, inventou as acendalhas fosforicas.

Este facto foi assinalado pela historia de bem que os alemães reavindiquem a gloria da invenção para Kammerer, que não foi mais que o primeiro fabricante de acendalhas em 1832.

Por seu lado os Austriacos e ungaros atribuiam esta mesma invenção a Etienne Koemer, Presbel e Irony quando estes se limitaram tambem a por as acendalhas fosforicas em circulação pela mesma epoca. A presença do fosforo, corpo iminentemente venenoso e a sua extrema inflamação tornam-os perigosos. Estes inconvenientes não se encontram porém, nas acendalhas de fosforo vermelho ou amorfo, que não se inflama senão com a fricção numa lixa especial, que contem o mesmo fosforo.

A actual pasta da acendalha é composta de fosforo branco ou amorfo, chlorato de potassio, sulfureto de antimonio e de côlas. Existe tambem a acendalha com fosforo, cuja pasta é uma mistura de cromato e de chlorato de potassio, de peroxido de chumbo, de sulfureto de antimonio, de vidro moído e côlas. Se se substitue os palitos de madeiro por mechas de

algodão temperadas num banho de stearina e de goma ou resina fundidas, obtem-se o fosforo de cera.

Do utilizarmos a acendalha que tão modesta se nos apresenta (não pelo preço em Portugal) mal imaginamos a serie de operações da sua complicada manipulação.

As madeiras geralmente empregadas são o pinho, o choupo e a faia. As machinas para cortar a madeira dão cerca de 300:000 palitos por hora.

Os palitos para a fabricação do fosforo distribuem-se por uma especie de quadros, onde se alinham sem que se encavalguem ou entornem. Os quadros assim guarnecidos são colocados horizontalmente nuns carros apropriados destinados ao transporte para a officina de parafinação para facilitar a combustão do palito.

Nos mesmos carros são transportados á officina de encabeçar onde recebem a massa fosforica. Para este fim o operario dispõe o quadro com os palitos no sentido orisontal, ficando estes perpendiculares á superficie da tina que contem a massa fosforica em estado de creme na espessura calculada para a altura da cabeça do fosforo.

Feita esta operação seguem os quadros com os palitos já encabeçados para as estufas onde secam as cabeças, após o que, seguem para a officina onde se distribuem nas respectivas caixas.

Alice Oeiras.

—O sopro de Deus no barro do homem é o amor: o infinito do futuro legado á creatura dum dia é o amor; a centelha roubada ao ceu por Prometheu é o amor; ou pelo menos tudo isto é o amor que eu sinto por ti.

Paulo Mantegazza.

Narrativas historicas

Jogos Olimpicos da Grecia

II

A corrida dos carros

Para melhor ver os preparativos penetrava-se no recinto interior do circo; ali estavam expostos á admiración varios carros magnificos, contidos por cabos que iam de extremidade a extremidade de cada fila, destinados a cair um após outro.

Quem guiava os carros trajava uma levissima vestimenta. Os seus corceis, de indomavel ardor, atralam todos os olhares pela extranha beleza e agalam pela fama ganha em concursos precedentes.

Assim que foi dado o sinal os da rectaguarda avançaram até á segunda fileira; reunidas que foram todas as fileiras, ei-las que se dispõem ansiosos para romper a marcha.

Por momentos são vistos cobertos de poeira, cruzarem-se entrechocarem-se, arrastarem com tal rapidez os carros que a vista só a custo os segua.

A impetuosidade de que iam animados aumentava assim que se achavam face a face com a estatua dum genio que os penetrava do

mais secreto terror, segundo se dizia; redobrava quando ouviam o som estridente das trombetas vibradas junto d'uma celebre meta que ocasionara já graves desastres: colocada de fórma a quasi interceptar a passagem, mesmo a meio do percurso, era por um carreiro estreito que as carruagens tinham de voltar e onde a mão habil e mestra do mais seguro guia muitas vezes vinha esbarrar.

O perigo era dos mais temiveis porque doze vezes se tinha de dobrar a celebre meta, em virtude de se ter estabelecido para os jogos a obrigação de percorrerem o hipódromo em toda a extensão 12 vezes, quer para ir, quer para vir.

Qualquer excitação sobrevinha um accidente que elle excitava a piedade ou os motejos insultantes da assembleia.

Alguns carros tinham sido cuspidos da arena, outros despedaçados com choques violentos; no chão amontoavam-se os destroços que mais perigosa tornava ainda a corrida. Já só restavam cinco concorrentes: Um *tessaliano*, um *libano*, um *siracusano*, um *corintiano*, e um *tebano*. Pouco faltava já aos três primeiros para dobrarem pela ultima vez a meta; o *tessaliano* porém, esbarra contra o terrivel escolho, caindo embaraçado nas rédeas, e, ao passo que os seus cavalos caem sobre os do *libano*, que caminhava sobre ele, precepitam-se os do *siracusano* numa ravina que acidentava neste ponto o circo.

A multidão grita cheia de espanto e dó; no emtanto chegam o *corintiano* e o *tebano* que aproveitam este ensejo favoravel, passam a meta, estimulam os seus cavalos fogosos e apresentam-se aos juizes, que concedem o primeiro premio ao *corintiano* e o segundo ao *tebano*.

Barthélemy

(Tradução de Irene Lisboa)

O amor ás almas ensina
Como o universo é bemdito
E esta chama pequenina
Inunda todo o infinito!

Victor Ugo

De Antero do Quental

O que é a Dor? Um mar. E a Alegria?
Perola oculta nesse mar fremente.
Quantas vezes a perola encantada,
Entre as rochas profundas sepultada,
Se dissolve esquecida, lentamente,
E nunca chega a ver a luz do dia!

... Sabes tu, Ema, o que é um homem transformado num desejo? Sabes tu o que é ter na mão a beleza, a juventude, o engenho, o ardor dos sentidos, a ambição, o odio, o pensamento, a poesia, todas as forças humanas, e sentir tudo isso consumir-se numa só centelha, arder no mesmo fogo? E sentir-se pronto dum instante para o outro, a lançar toda essa força, toda a sua vida aos pés d'uma creatura para obter dela um sorriso, e não amar a vida senão por dizer a uma mulher: posso eu morrer por ti? E depois d'esse ardor, depois d'esse vulcão, sentir sempre nas veias aquele desejo eterno, insaciavel, infinito, que é a vida inteira, que é todo o amor.

Paulo Mantegazza.

FOLHETIM

N.º 2

Ao entardecer

Rio abaixo um barquinho voga ao sabor da corrente. Uns bois, vindos do trabalho, páram a beber a agua cristalina, levantando de vez em quando a cabeça e deixando escapar gotinhas limpidas pelos fios da baba. O boieiro falando-lhes incita-os a continuarem o caminho e estes, submissos, voltam de novo á poeira da estrada. Trabalhadores retardatarios passam, assobiando alegremente, trocando o costumeado «Deus o acompanhe», em busca da ceia cuja existencia é provada e até onde espiraes de fumo que aqua e telas condeiam as espiraes de viração. Do solo ergue-se um cheiro bom de terra remechida de fresco. Sobre mim, nos ultimos ramos dum altissimo freixo que, curvando-se, fórma com os da margem fronteira um como docél de verdura sobre as aguas do rio, um rouxinol ensaia um delicado gorgeio; e, enquanto a Natureza repousando dos esplendo-

res dum soberbo dia de sol se enche de paz e melancolia, a minha alma, docemente sonhadora, deixa se dominar por essa melancolia e sente-se disposta a devanear.

De repente, junto de mim, oigo um choro de creança, abafado e dolorido, como de creança habituada de ha muito a ter maguas vendo-se obrigada a esconder-se para melhor se expandir. Levanto-me e, sem ser presentida, approximo-me e falo-lhe. Ao som da minha voz a creança levanta-se de subito, toma uma saquinha que tinha junto dela e prepara-se para fugir, o que eu impetto com uma das mãos, enquanto com a outra afago ao deleve a sua cabeleira hirsuta. Mais animada, afoitou-se a olhar-me e foi então que a pude ver bem.

Era uma rapariguita duns 8 anos, raquitica, com um enorme aleijão que a fazia parecer um ser disforme, coberta de andrôjos, magra, famélica, os pés metidos nuns enormes tamanhos dentro dos quaes, pobres pésitos!... quasi se perdiam.

O cabelo emaranhado, caído para a cara, dava-lhe um aspecto bravio que a expressão dos olhos, uns lindos olhos asues, desmentia. Na sua pobre carita de feições correctissimas de-

buchava-se um tal sofrimento, tão intenso e doloroso, que me comoveu até ás lagrimas. Interroguei-a. Animando-se pouco a pouco, numaancia doida de expansão, abriu-me o seu pequenino coração tão cheio de margura e, entre soluços, contou-me a sua historia, pequena em relação ao tempo, mas enorme em relação a dor: —Vivia com a madrastra e com o pae numa casita fronteira ao ponto onde estavam e donde se viam formigar uns quatro ou cinco rapasitos seus irmãos que se entretinham jogando ao pião. Ela era mais velha e unica enteada, sendo portanto aquella sobre quem se faziam cair as culpas dos outros. Querendo explorar a deformidade fisica da inocentinha, a madrastra obrigava-a a ir pedir esmola pelas estradas, castigando a brutalmente quando ella não conseguia com dois tostões pelo menos. Neste dia justamente tinha ela uns magros quatro vintens para opôr á furia da madrastra. Cheia de saudade, lembrou os tempos em que sua mãe era viva. Não soffria como então, era amada e, em vez da sua mãesinha aproveitara a sua deformidade na odiosa ganancia do dinheiro, buscava occultar-lh'a, fazendo-lh'a esquecer com caricias dobradas. Ah! como pas-

sara depressa essa epoca feliz!... Agora, cheia de fome, como uns magros cobres na algebeira, ella temia voltar a casa, reciando o injusto castigo que por certo recebia.

Os soluços da creança encheram a minha alma de piedade, e foi chorando tambem que a consolei, ensinando-lhe a ter esperança na vinda de melhores dias. Reanimada pelos meus afagos, consolada com as minhas caricias, a pequenita, pouco a pouco, deixou de soluçar. Dei-lhe a merenda que havia levado e que ella sofredamente comeu, e o que faltava para a receita quotidiana. E, enquanto conversava momentaneamente ella se afastava em direcção a casa, eu pensava na desolada infancia de quantas crianças que por ai vegetam, sujeitas aos maus tratos dos paes. Lentamente a noite fora caindo. As estrelas cintilavam já no azul sombrio do céu, enquanto a lua, espalhando seus argenteos raios, cobria o campo com uma toalha de luz opalina e aligente. E, de volta a casa ainda dolorosamente impressionada com o accidente, eu quasi duvidava da existencia dum Ser superior que, sobre ombros tão frageis assim punha a pesadissima cruz de tão amargurada existencia.

B. M.

PAPELARIA E TIPOGRAFIA
DE
M. CORRÊA DOS SANTOS

ARTIGOS DE ESCRITORIO E CANETAS COM TINTA
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÊNEROS
Especialidade em impressos para o commercio
Completo sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Livros de escrituração, Copiadores de cartas e facturas, Livros de letras a pagar e receber, etc.
BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS AS ÚLTIMAS NOVIDADES
VENDEM-SE Facturas consulares brasileiras, Guias do Caminho de Ferro do Norte e Sul, Listas para inscrições e Telegramas.

10, RUA DA PRATA, 12—LISBOA
PRIMEIRO QUARTEIRÃO VINDO DO T. DO PAÇO
TELEFONE 3350

A POLYCOMMERCIAL
Rua d'Alcantara, 41-A a E
LISBOA

Papelaria, livreria, typografia, encadernação, estereotipia e fabrica de carimbos de borracha.
O maior estabelecimento do seu genero, no bairro.
Trabalhos de luxo e simples.
Especialidade em trabalhos para artistas teatraes.
Manda tomar e entregar encomendas a casa dos clientes.

TELEFONE 3362

Obras para o ensino primario

DE AUGUSTO LUIZ ZILHÃO

Regente da Escola Central n.º 2 e professor interino da Escola Normal de Lisboa (Femenina de Lisboa)

Caderno de exercicios de aritmetica para a 1.ª classe.....	50 réis	Caderno de problemas e exercicio de aritmetica para 3.ª e 4.ª classe.....	100
Caderno de problemas e exercicios de aritmetica para 3.ª e 4.ª classe.....	80	Noções elementares de aritmetica e geometria (oficialmente aprovadas).....	250

O AUXILIAR DO PROFESSOR com o resultado dos problemas e mais exercicios dos cadernos e a indicação da operação que deve fazer-se nas resoluções dos problemas, GRATIS. Todas estas obras trazem já as alterações do sistema métrico e o novo sistema monetário.

A venda nas principais livrarias
Descontos excepcionaes e franco aos professores e directores de collégios
O AUXILIAR DO PROFESSOR remete-se aos professores que se dirijam ao autor
Rua das Gaivotas, 8

LIVROS DE ENSINO
DO
Professor **ULYSSES MACHADO**
Calçada do Marquez d'Abrantes, 43-3.º - LISBOA

Caderno com 615 problemas e exercicios d'aritmetica para a 2.ª classe, 6.ª edição, 70 réis.
Dois cadernos com 1.706 problemas e exercicios d'aritmetica, para a 3.ª e 4.ª classes, 25.ª e 12.ª edições, cada um, 120 réis.
Três cadernos com 2.018 problemas e exercicios d'aritmetica para as escolas normais, liceus, etc., 1.ª, 2.ª e 3.ª anos, cada um, 180 réis.
O autor oferece gratuitamente a todos os professores os livrinhos com os resultados correspondentes a cada caderno, quando lhos peçam.
Gramatica ensinada pelos exemplos, para a escola primaria, illustrada com 117 gravuras, ao alcance de todas as inteligencias, 8.ª edição, cada exemplar cartonado 250 réis.
Gramatica Portuguesa oficialmente aprovada para as escolas normais e distritaes, um volume encadernado em percalina, 15000 réis.
Gramatica Portuguesa aprovada oficialmente para o 2.º ano do curso secundario dos liceus; um volume encadernado em percalina, 450 réis.
Gramatica Portuguesa em harmonia os com programas do 1.º, 2.º e 3.º anos do curso secundario, 1 volume encadernado em percalina 600 réis.
Aritmetica pratica e geometria, illustradas com 100 gravuras, aprovadas oficialmente 4.ª edição, para o ensino primario, cartonada, 250 réis.
Segundo livro de leitura, illustrado com 310 magnificas gravuras, aprovado oficialmente para a 2.ª e 3.ª classes exame do 1.º grau, cartonado 400 rs.
Terceiro livro de leitura profusamente illustrado com magnificas gravuras, aprovado oficialmente para a 4.ª classe (exame do 2.º grau), carton. 400 rs.
Primeiro livro de leitura para a 1.ª classe, aprovado oficialmente illustrado com 140 magnificas gravuras, 120 réis.
Noções de Versificação, em harmonia com os programas do ensino secundario, 100 réis.
A venda nas principais livrarias e no Depósito Geral em LISBOA—Livraria Rodrigues & C.ª, Rua do Ouro, 186 e 188.
Aos srs. professores descontos de 10 p. c. e porte franco.

"Educação feminina," PREÇO D'ASSINATURA
Por 3 mezes..... 200 rs.
Por 6 mezes..... 400 rs.
(Pagamento adiantado)
Quinzenario das normalistas de Lisboa
Redacção e Administração, Rua do Comercio, 31, 3.º

VAGO

.....

Ex.ª Sra.ª *Biblioteca Nacional de Lisboa*